

## "A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA"

Ariovaldo Umbelino de Oliveira\*

"A serviço do povo, no meio da luta, a educação popular não é o caminho nem a caminhada mas, ao longo do caminho, é como os sinais da caminhada: mapas, informes, setas, estrelas, recursos de orientação, os sinais que apontam a direção de rumos já encontrados e apenas ajudam quem caminha a não errar a caminhada".

Carlos Rodrigues Brandão

### 1. INTRODUÇÃO

Em 1989, escrevi na "Apresentação" do livro "Para onde vai o ensino de Geografia?" que ele deveria ser entendido no conjunto mais amplo das discussões acerca da Geografia, do ensino e das crises que vêm atravessando/movendo a sociedade brasileira de nosso tempo. Este texto deve ser entendido na mesma perspectiva.

Como todos sabemos, o ensino de uma forma geral e especificamente o de Geografia passa por profunda crise. O saber ensinado está longe de permitir aos jovens sequer entender o mundo, quanto mais transformá-lo.

---

\*Professor Doutor do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo

Não vou portanto, iniciar através de uma intervenção acadêmica no sentido estrito da academia, mas vou procurar tratar das questões políticas que sempre ficam subjacentes aos discursos acadêmicos, sobretudo nestes tempos onde todo mundo procura aparecer como progressista, ou pôs alguma coisa.

Mais que isto talvez, é necessário tomarmos consciência de que o desenvolvimento do modo capitalista de produção está irremediavelmente mundializado. Portanto, é fundamental submeter nossas concepções e posições teóricas à realidade dos dias de hoje, pois assim poderemos converter a utopia em realidade e construir a unidade na diversidade.

Precisamos entender também que o processo de conhecimento se dá de acordo com o processo de socialização pelo qual passam os indivíduos. Portanto, numa sociedade de classes a socialização se faz sob interesses antagônicos, opondo sempre uma ideologia dominante à outra dominada.

Desta forma, numa sociedade capitalista, a educação busca sempre inculcar valores que sirvam para afirmar a dominação burguesa, mesmo que sob os princípios da LIBERDADE e da IGUALDADE. Os diferentes ramos do saber comprometidos com essa perspectiva (da DOMINAÇÃO) trouxeram para o ensino a prática de uma pedagogia da discriminação, da indiferença, enfim, uma pedagogia acrítica.

Urge, que levantemos rapidamente, contra este estado de coisas. É crucial que comecemos a exercitar a pedagogia da indignação, como bem tem lembrado o mestre Paulo Freire, para chegarmos a uma pedagogia da praxis.

Uma pedagogia que proponha uma escola comprometida com a transformação da sociedade, ao contrário da ordem vigente, requer uma pedagogia que recrie

valores submersos em nossa ordem social, como objetivos explícitos de uma igualdade, de uma nova proposta educacional, de uma nova proposta que permita fazer uma reformulação dos conhecimentos científicos, não mais na ótica da dominação, mas naquela que propõe uma história viva do homem e de sua criação. É preciso buscar o novo numa prática transformadora; não um novo abstrato que se coloca acima dos sujeitos, mas de um novo enquanto possibilidade do vir a ser.

Mas é aí que nasce a pergunta:

## 2. QUE PROFESSOR DE GEOGRAFIA FORMAR?

Sua resposta certamente não é simples.

Sobretudo porque todos sabemos como bem lembrou José de Souza Martins, que "o modo capitalista de produção na sua acepção clássica, é também modo capitalista de pensar e deste não se separa...

O modo capitalista de pensar, enquanto modo de produção de idéias, marca tanto o senso comum quanto o conhecimento científico. Define a produção das diferentes modalidades de idéias necessárias à produção das mercadorias nas condições da exploração capitalista, da coisificação das relações sociais e da desumanização do homem. Não se refere estritamente ao modo como pensa o capitalista, mas ao modo de pensar necessário à reprodução do capitalismo, à reelaboração das suas bases de sustentação - ideológicas e sociais. O modo capitalista de pensar também está minado, não obstante, pelas contradições do capitalismo, fato que se reflete nas suas ambigüidades e dilemas. É o que leva para o conhecimento de senso comum e para o conhecimento científico as tensões do capitalismo, expressas nas diferenciações ideológicas e de tendências dentro da mesma formação

social. É o que leva enfim, o capitalismo para o pensamento de outras classes, como a pequena burguesia, o proletariado, os proprietários de terra. O modo capitalista de pensar é a mediação necessária na produção e reprodução em crise da alienação que subjulga quem não é capitalista, invertendo o sentido do mundo e dando uma direção conservadora e reacionária à ação que deveria construir a sociedade transformada, desvinculando e contrapondo entre si o saber e a prática.

É por este caminho que o saber deixa de estar vinculado abertamente à classe dominante, parecendo pairar acima das classes. Hoje o saber do capitalismo é produzido, regulado e consumido basicamente pela pequena burguesia, as vezes até mesmo quando assume posições ditas avançadas".

Parodiando Martins, poderíamos também dizer que a Geografia é uma modalidade de saber que está hoje marcada por esta situação. Por omissão ou ação dos geógrafos, vai se transformando num cacoete da pequena burguesia. O pequeno burguês, constrangido pela esterilidade da sua condição de classe indefinida, aquela que tem sempre a cabeça na burguesia e o bolso no proletariado, mergulhado no mundo em que tudo se compra e tudo se vende, já não consegue entender as coisas banais da vida sem socorrer a este ou aquele cientista.

"O exercício teórico tem sentido e é necessário quando se submete o conhecimento a uma crítica fecunda. E só a História tem condições de fecundá-lo. Só o compromisso com o conhecimento", ainda parodiando Martins, pode fazer da Geografia uma ciência.

Para chegarmos até este ponto, o que é necessário fazer?

### **3. OS PRIMEIROS PASSOS: a superação das contradições e**

## não apenas lê-las como dicotomia

Muitas são as contradições que tem sido colocadas nos debates na Geografia.

Poderíamos começar por aquelas que são talvez, mais abrangentes, a separação entre o trabalho manual e o trabalho intelectual ou talvez a ciência e o senso comum.

Mas muitas outras têm aparecido entre nós: como por exemplo a separação entre licenciatura e bacharelado, portanto entre o professor e o pesquisador. Isto para ficarmos com as mais importantes.

Mas outras também estão aí, presentes, materialismo X idealismo, sujeito e objeto etc...

Torna-se fundamental esta superação, pois não poderemos advogar um ensino que transforma se não formos igualmente capazes de investigar. A superação destas contradições é fundamental para sairmos das armadilhas que elas nos criam.

Para superá-las é talvez, necessário lembrarmos do que escreveu Marilena Chauí:

"A sociedade brasileira, tanto em sua estrutura quanto em sua história, tanto na política quanto nas idéias, é descrita, narrada, interpretada e periodizada segundo cortes e visões próprios da classe dominante. Este aspecto se torna verdadeiramente dramático naqueles casos em que o "objeto de pesquisa" (ou do ensino) é a classe dominada. Além de roubar-lhes a condição de sujeito, as pesquisas tratam sua história, seus anseios, suas revoltas, seus costumes, suas produções, sua cultura no continuum de uma história que além de não ser dela, muitas vezes é justamente aquela história que o dominado está implícita ou explicitamente

recusando. Em outras palavras, os dominados penetram nas pesquisas e (no ensino) sob lentes dos conceitos dominantes, são incluídos numa sociedade que os exclui e numa história que os vence periodicamente e numa cultura que os diminui sistematicamente".

Assim para superarmos as contradições é também fundamental lembrarmos Henri Lefebvre sobre o método:

"Hoje a questão primordial é a do "conteúdo" do pensamento dialético.

Implicitamente, duas concepções se defrontam. Para uma a dialética define-se "subjetivamente". É interior à consciência ou, pelo menos, não existe senão para e pela consciência.

Para a outra concepção, a dialética mergulha na realidade da história, da prática, da vida, enfim, da natureza. Qualquer contradição pensada ou tomada conscientemente exprime e "reflete" contradições reais. A consciência de uma contradição não lhe dá existência: agrava-a e encaminha-a simultaneamente para a solução. A contradição na consciência provém de tomada de consciência de uma contradição objetiva, anterior à consciência que dela tomamos". Este é pois um caminho metodológico para superarmos as contradições.

Mas a superação deve ir em direção do quê?

Lembramos que... .

#### **4. O CAMINHO SE FAZ AO CAMINHAR**

O método enquanto caminho de conhecimento aparece quase sempre entre nós professores/pesquisado-

res a partir de perguntas como estas:

- em favor de que conhecer e portanto, contra que conhecer?
- em favor de quem conhecer e contra quem conhecer?

Estas questões levam-nos a ter que refletir sobre a natureza política da educação, ou seja, como bem lembrou Paulo Freire:

"A educação enquanto ato de conhecimento é também e por isso mesmo um ato político".

E é em função desta postura que segundo o mestre, lembramos a necessidade de recuperarmos a questão do sonho possível, da UTOPIA.

"O sonho possível tem a ver exatamente com a educação libertadora, não com a educação domesticadora.

A questão dos sonhos possíveis, repito, tem a ver com a educação libertadora enquanto prática utópica. Mas não utópica no sentido irrealizável; não utópica no sentido de quem discursa sobre o impossível, sobre sonhos impossíveis. Utópica no sentido de que é esta uma prática que vive a unidade dialética, dinâmica, entre a denúncia e o anúncio, entre a denúncia de uma sociedade injusta e espoliadora e o anúncio do sonho possível de uma sociedade que pelo menos seja menos espoliadora, do ponto de vista das grandes massas populares que são os trabalhadores deste país".

## 5. BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, C. R. A questão política da educação popular. São Paulo: Brasiliense, 4. ed. 1984. p. 129

- CHAUÍ, M. de S. O que é ser educado hoje? Da arte à ciência: a morte do educador. Educador: vida ou morte. Rio de Janeiro: Graal. 5. ed. 1984. p. 70.
- FREIRE, P. Educação. o sonho possível. Educador: vida ou morte. Rio de Janeiro: Graal. 5. ed. 1984. p. 100.
- LEFEBVRE, H. Para compreender o pensamento de Karl Marx. Lisboa: Edições 70. 1981. p. 13.
- MARTINS, J. de S. Sobre o modo capitalista de pensar. São Paulo: Hucitec. 1978. p. XI-XIII.
- OLIVEIRA, A. U. Para onde vai o ensino de geografia? São Paulo: Contexto. 1989. p. 11-12.